

CONCEITOS ERRADOS

O Evangelho

Este ponto de vista sobre o assunto tem como base os princípios do Reino de Deus, sobre o fundamento das Sagradas Escrituras, de acordo com o que entende o autor, responsável por tais aspectos sobre os quais existem outras interpretações; e é dirigido em primeiro lugar a todos os crentes, nascidos de novo e que fazem parte do Corpo de Cristo.

O evangelho se tornou um termo tão desgastado nos países de tradição judaico-cristã, que veio a assumir um sentido superficial e simplista. No nosso, de fundo católico romano, quando falamos de evangelho, pensamos no conteúdo dos quatro livros que iniciam o Novo Testamento, alguns pensamentos conhecidos sobre as palavras de Jesus e então temos uma imagem religiosa de um padre oficiando a missa.

Estarmos familiarizados com a terminologia não quer dizer que nós realmente sabemos o que é o evangelho, apesar de assumirmos que esse assunto não possa ser mais explorado, o arquivamos como algo sabido. Inclusive seu enunciado nos aborrece e nos leva a lembranças de nossa infância quando participamos da primeira comunhão. É uma lembrança da idade da inocência, é para as crianças, também para as beatas e paroquiais; mas agora que crescemos e somos tão sofisticados, sabemos tantas coisas e temos tantos entretenimentos mais sugestivos, que ouvir sobre o evangelho nos irrita e o descartamos como algo infantil e ultrapassado.

Se pensarmos nos círculos evangélicos e no que entendem muitos dos nossos irmãos sobre o evangelho, ficaríamos mais do que surpresos. Muitas pregações são tão simplistas que reduzem sua proclamação a uma espécie de medicamento para curar algumas enfermidades físicas ou emocionais. O evangelho se converte em uma pílula mágica para tirar da pessoa, a tristeza, a depressão, o vazio, o tédio, a solidão, as drogas, o álcool, etc. e colocá-la em um lugar onde encontrará a resposta a todos os seus males, fazendo parte de um novo clube de amigos, que vão compreendê-la e apoiá-la em tudo. Logo a pessoa começa uma nova rotina sobre a qual perde logo o interesse inicial, já não é mais o centro da atenção, começam a lhe impor cargas religiosas para “manter o crescimento espiritual” e começam a surgir dúvidas sobre sua decisão.

É claro que o evangelho de Deus nos livra da tristeza, da depressão, da solidão e dos vícios, mas como a pregação colocou ênfase nos benefícios e não no Autor da salvação, a pessoa aceita o evangelho baseado no interesse pessoal, em conseguir créditos e quando chega a época das provas, a palavra semeada não tem força para resistir e se afoga nos afãs desta vida e o engano das riquezas. Não seria ruim repensarmos sobre como estamos pregando o evangelho à nossa geração, as concessões que estamos fazendo para torná-lo acessível aos caprichos, mimos e fraqueza de uma geração baseada no bem-estar, no ócio, no ego e nos prazeres.

Que evangelho estamos pregando

Há alguns anos, junto com outro irmão, quando iríamos subir a um bloco de apartamentos para pregar o evangelho, de casa a casa, vimos duas mulheres saírem com revistas nas mãos e que estavam voltando do mesmo edifício, eram chamadas “Testemunhas de Jeová”. Em meu zelo pelo evangelho apressei-me a repreendê-las dizendo: Que evangelho vocês estão pregando? Elas se assustaram um pouco pelo tom de minha voz e nos envolvemos em uma discussão sobre o evangelho.

Em termos gerais, é relativamente fácil falar sobre Deus e religião, mas quando se trata de especificar o tipo de mensagem com o evangelho de Jesus como eixo de nossa pregação, então nos deparamos com o dilema de saber que evangelho estamos pregando, qual é sua essência, o epicentro da mensagem proclamada. O apóstolo Paulo ficou perplexo, sobre os gálatas, ao ver como receberam facilmente o evangelho. Também na segunda carta aos coríntios reflete seus temores sobre a astúcia da serpente para torcer o sentido, extraviá-los da sincera fidelidade a Cristo e levá-los a receber outro Jesus, outro Espírito ou outro evangelho.

“⁶ Estou admirado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou na graça de Cristo, **para outro evangelho**, ⁷ o qual não é outro; senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. ⁸ Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse **outro evangelho** além do que já vos pregamos, seja anátema. ⁹ Como antes temos dito, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar **outro evangelho** além do que já recebestes, seja anátema.” (Gálatas, 1:6-9)

“³ Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos e se apartem da simplicidade e da pureza que há em Cristo. ⁴ Porque, se alguém vem e vos **prega outro Jesus** que nós não temos pregado, ou **se recebeis outro espírito** que não recebestes, ou **outro evangelho** que não abraçastes, de boa mente o suportais!” (2 Coríntios, 11:3, 4)

Diante dessas declarações categóricas do apóstolo cabe nos perguntarmos: como sabemos qual é o verdadeiro evangelho de Deus? As cartas aos gálatas e aos romanos fornecem uma boa prova de qual é a mensagem de Deus que devemos aceitar. Nestas cartas o apóstolo dos gentios expõe magistralmente o conteúdo do evangelho baseando-se na revelação que recebeu do próprio Jesus Cristo e na confirmação das Escrituras. Porque o evangelho não é uma mensagem nova, mas a conclusão da revelação de Deus que foi iniciada em Gênesis e alcançou a plenitude do tempo na Pessoa do Messias, para redimir ao homem através de sua obra expiatória.

Basicamente encontramos dois tipos de evangelhos diferentes, com terminologias parecidas, mas com uma abordagem completamente divergente: o evangelho de obras e o evangelho da graça. No primeiro, existe uma grande diversidade de mensagens, as obras a serem realizadas são diferentes em função do sistema religioso que se prega em cada caso; no segundo existe uma

só mensagem válida: “Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos, para que, renunciando à impiedade e às paixões mundanas, vivamos no presente mundo sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras. Fala estas coisas, exorta e repreende com toda autoridade. Ninguém te despreze.” (Tito 2:11-15).

O evangelho da graça começa em Deus, origina-se em Sua vontade, não é da terra, é do céu, tornou-se realidade na Pessoa de Jesus Cristo para redimir um povo zeloso de boas obras, essas obras são aquelas que Deus produz em nós, e que preparou antecipadamente para que andemos nelas.

A frase tão conhecida de que “não somos salvos pelas obras, mas que somos salvos para fazer boas obras” resume o contraste destes dois tipos essenciais de evangelhos.

Geralmente pensamos nos católicos, quando falamos do evangelho de obras (ainda que, como eu disse, todos os sistemas religiosos têm sua base na realização de obras com o intento de conseguir o favor divino), mas levou tempo vendo a confusão e mistura que temos nas áreas evangélicas, onde se diz que somos salvos pela graça, mas cuja ênfase foi posta sobre as obras que devemos realizar e o esforço pessoal para sermos abençoados por Deus e obtermos o favor dos líderes. Realmente, em muitos casos, estamos pregando um evangelho de obras, com a aparência de anunciar a graça de Deus. É uma mistura muito sutil e de difícil separação, mas que não se diferencia de qualquer outro sistema religioso.

Interpretando sem forçar, as cartas de Paulo, vemos que esse evangelho de obras nos coloca sob maldição, decepciona a muitos, levanta o legalismo, frustra a maioria e mantém o povo sob a culpabilidade e a derrota. Não existe paz quando tratamos de chegar a um nível de aceitação suficientemente recomendável, para que Deus nos tenha em mente, nos abençoe e não se zangue conosco. Muitos amados irmãos estão sofrendo o flagelo de uma pregação não centrada na obra da graça de Deus.

“¹⁰ Pois todos quantos são das obras da lei **estão debaixo da maldição**; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las. ¹¹ É evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus, porque: O justo viverá da fé; ¹² ora, a lei não é da fé, mas: **O que fizer estas coisas, por elas viverá.** ¹³ Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro; ¹⁴ para que aos gentios viesse a bênção de Abraão em Jesus Cristo, a fim de que nós recebêssemos pela fé a promessa do Espírito.” (Gálatas, 3).

O evangelho de obras é de fácil assimilação pela mente religiosa, não necessita de revelação especial, a mente natural é desenhada para compreender que se fizer alguma coisa, deverá receber uma recompensa; no entanto necessitamos

da revelação de Deus para compreender o evangelho da graça que nos coloca em uma posição onde somos declarados justos, reconciliados com Deus, perdoados, santificados e tudo isso sem méritos próprios. A graça é uma esfera de aceitação que nos conduz a uma rendição incondicional à vontade de Deus. A graça recebida compreende que não pode haver exigência alguma de nossa parte, somente gratidão e adoração. A graça aceita os demais sob as mesmas condições, sem méritos pessoais. Podemos entender, intelectualmente, somente uma parte desta realidade sobrenatural, mas sua profundidade supera os limites da mente humana, ela vem do céu, são os pensamentos e caminhos mais elevados de Deus (Isaías, 55: 8,9).

Jesus é a graça que perdoa a mulher pecadora quando a lei dos fariseus requeria o juízo legal por seus atos. Podemos exigir muitas coisas legalmente e biblicamente dos púlpitos, mas devemos recordar que a misericórdia triunfa sobre o juízo. Está escrito: “Misericórdia quero e não sacrifícios” (Oseias, 6:6), e isto sob os padrões da lei de Moisés. Ter razão “biblicamente” não nos isenta de agir segundo o Espírito de Cristo. A letra mata, mas o Espírito vivifica.

Com esta abordagem, não estou advogando pela permissividade, nem dando licença para o pecado e fraquezas da carne. O que estou dizendo é que devemos nos lembrar de nossa própria condição, quando julgamos os demais, e não devemos ter dois pesos e duas medidas, uma para nós, a da justificação e outra para os demais, a da condenação.

A imposição de cargas é um exercício atraente, quando são os outros que devem carregá-las, porque nos dão uma aparência de retidão e firmeza, e nos casos quando os que as reivindicam sobre os outros, mas que as estão cumprindo, também têm um componente essencial de serem os que estipulam as diretrizes, e, portanto, tem a satisfação de dizer aos outros, aquilo que devem fazer. Nosso Mestre foi implacável com essas práticas: “Ele, porém, respondeu: Ai de vós também, doutores da lei! porque carregais os homens com fardos difíceis de suportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais nesses fardos” (Lucas, 11:46).

Quando um líder religioso perdeu o contato com a realidade cotidiana dos membros de sua congregação, ele vê as coisas sob uma única perspectiva, o seu próprio estilo de vida, sua forma de vida, seu horário e prioridades e não compreende a luta diária de seus liderados, os vê somente sob o prisma de seu mundo eclesiástico, que em ocasiões contém uma grande dose de irrealidade cotidiana, e trata de, sob todos os aspectos, se impor aos irmãos a quem ministra. E também existirá, em sua mensagem, uma carga de imposição legalista que conduzirá à culpabilidade sobre a consciência deles, por não estarem à altura de sua medida.

Quando o pastor percebe a ansiedade e aflição que produziu nos irmãos, para se colocarem à altura das exigências, lhes entrega a mensagem de ir a Jesus todos os que estão cansados e oprimidos... Temos, nas igrejas, uma grande quantidade de cargas impostas na forma de atividades que mantêm os crentes em um estado contínuo de estresse e agitação. Tomar parte dessas atividades, frequentar todos os cultos como uma meta em si mesma e mostrar disposição e apoio em todos os projetos que se realizam vêm a ser um sinal inequívoco de entrega, de ser um cristão consagrado e ao contrário, aquele que não chega a

esse nível é um irmão de segunda classe, é morno, não está pagando o preço, é um simples simpatizante e não um verdadeiro discípulo de Jesus. Agora pergunto, isso não é um evangelho de obras? Pregamos a graça, mas praticamos a lei do “faça isso e viverá por ele”. Pregamos a fé para sermos salvos, mas se não estamos comprometidos com o programa que se realiza em nossa igreja local em todos os aspectos, a nossa falta de entrega implicará em ficarmos aqui quando Cristo voltar para sua igreja. Se a salvação depende de meu apoio às atividades eclesiais, para que Cristo morreu em meu lugar?

Quero dizer com isto que, devemos ser despreocupados, indiferentes e passivos às necessidades da congregação à qual pertencemos? Não. Estaria eu então advogando pela apatia, anulando nossa vontade sem tomar nenhuma iniciativa até que um raio, uma voz, um trono ou um querubim nos apareça? Também não. Digo que temos que servir a Deus com alegria, não por imposição legalista. Devemos viver em liberdade e não sob a escravidão de correr o mundo inteiro para converter alguém e depois fazer dele um clone ou um robô de nosso sistema religioso.

Às vezes, a ansiedade que é transmitida, ao pregarmos o evangelho, é captada por nosso ouvinte como um sintoma de sectarismo que o leva a pensar que nos fará um favor, se for a um de nossos cultos. Pregamos a nossa igreja como o lugar de salvação e resposta a todas as aflições, ao invés de conduzirmos as pessoas ao Autor de nossa fé. Sem percebermos, às vezes, em lugar de pregar a Cristo, anunciamos nossa congregação, ensinamos aos futuros convertidos, já em nossa primeira mensagem que, para ser salvo, sua vida deve estar intimamente ligada ao lugar de culto, deve frequentar “a igreja” para ser um verdadeiro cristão. A ideia que o neófito recebe é de que se trata de um lugar para se estar e tomar parte dos horários e atividades que ali se realizam, junto com o compromisso de apoiar financeiramente os gastos que se originam dele.

Estas abordagens são de fácil compreensão e muitos as aceitam, outros fogem diante da ideia de ficarem presos em uma rotina que logo se torna difícil de abandonar. Amados irmãos, pregamos um evangelho de obras que expõe muitas pessoas ao perigo de ficar sob maldição, a maldição de não poderem cumprir com todos os requisitos impostos e viver continuamente no suplício de uma consciência carregada de culpa e obras mortas. O apóstolo Paulo dedicou sua vida a combater essas deformações da verdade, e na carta aos gálatas o expõe amplamente.

O evangelho liberta o ser humano da escravidão religiosa, para amar a Deus com todo o seu coração e servir a Ele com gratidão. O evangelho é Cristo em mim, a esperança de glória. O evangelho traz vida ao espírito do homem, o tipo de vida de Deus, liga todo o seu ser à Pessoa de Jesus Cristo, é um espírito com Ele. Dessa união se originam muitas obras, obras de fé, obras pela graça recebida, obras que se manifestam da união indissolúvel com a videira verdadeira. Mas sejamos sinceros, em grande medida mudamos essa união com Cristo pela união com “a igreja”, e nos parece ser o mesmo, e mais além, que seja o correto, mas nos desviamos do centro para construir outra realidade. Podemos servir à igreja sem servir a Cristo. Mas como? Sim, podemos servir a um sistema religioso pensando que estamos servindo a Deus e damos o melhor de nosso esforço e dedicação a uma causa equivocada. Saulo de Tarso pensou que servia a Deus ao perseguir os cristãos e estava disposto a qualquer coisa,

movido por seu zelo equivocado. Os chamados “testemunhas de Jeová” estão dispostos a sofrer o desprezo de seus vizinhos e não param de ir de casa a casa para anunciar um evangelho falso, crendo que vão receber a recompensa de viver em um milênio terrestre. Muitos muçulmanos levam o serviço à lei sharia do Corão, ao fanatismo mais extremo, crendo que com seus atos terroristas vão receber um paraíso cheio de virgens.

Muitos irmãos evangélicos desgastam suas vidas, entregues à causa de um líder cheio de si, crendo que vêm nele o vigário de Cristo na terra. Aceitam sua liderança como parte essencial de sua fé e se torna, em muitos casos, em escravos de homens.

Paulo disse: “porque o fiz ignorantemente, na incredulidade” e foi liberto pelo próprio Jesus de seu fanatismo equivocado. Deixou de ser perseguidor para ser perseguido. Sua vida ficaria ligada para sempre ao Autor e consumidor de sua fé e a entregaria em favor do evangelho da graça de Deus. O evangelho revelado por Cristo e que o libertou. O evangelho que lhe foi confiado para transmitir à sua geração e a todas as demais gerações através de seus escritos; ainda que não fosse dele, o evangelho é de Deus e de Deus o recebeu. Não agiu sozinho, ele o confirmou com os que eram as colunas na igreja de Jerusalém. Foi o mesmo evangelho que os apóstolos Pedro e João e todos os demais apóstolos de Jesus pregaram.

Qual o significado de ter que “pagar o preço”

Existem expressões que são frequentemente repetidas nos púlpitos e que vêm a ser a conclusão de uma tese, é a última palavra para terminar de convencer os duvidosos quanto à questão da entrega e da consagração. Uma das mais desgastadas é: “tem que pagar o preço”.

Geralmente esta expressão está relacionada com o sofrimento e a abnegação que leva ao serviço cristão. No entanto, o significado entendido e que é gravado nas mentes é que sem pagar um preço não se obtém a recompensa desejada. Então a pessoa se pergunta se está realmente pagando o suficiente para “comprar” o favor de Deus, ou tem que intensificar seu ativismo para consegui-lo, isto é, se as obras que faz são suficientes. Desta forma se estabelece uma ideia de obras e recompensa, de entrega e bênção, de dar algo para receber algo, ou seja, entramos em uma transação comercial, mercantilista, muito em voga na sociedade atual. Sem pretensão, com certeza, recebemos o evangelho de obras que é mais fácil de assimilar e, portanto se instala em nossa forma de pensar substituindo a palavra da graça.

Se o preço foi pago ao custo da vida derramada do Messias, por que nos empenhamos em falar de “pagar o preço”? Se Sua obra na cruz do Calvário foi feita de uma vez por todas, tendo recebido eterna redenção, por que mantemos a mentalidade de que sem fazer algo de nossa parte, a obra não está consumada? Por que mantemos uma consciência de culpa se o sangue de Jesus nos limpa de todo o pecado? É incrível como estamos familiarizados com um evangelho de obras, com uma aceitação de obras. Na realidade parece que temos mais segurança quando sabemos que fizemos algo, que nos esforçamos, que todos possam ver nossa entrega e que não somos uns oportunistas.

Quando recebemos um presente de alguém, nosso primeiro pensamento é ver de que forma podemos retribuir o favor, o que poderíamos dar para não ficar abaixo de sua generosidade. Custa-nos simplesmente aceitar um presente, sermos agradecidos, sem pensar que realmente não o merecemos. Parece-nos sempre mais difícil receber do que dar, a não ser que manifestemos um egoísmo exacerbado. É um ato de cortesia levar um presente a uma casa onde fomos convidados para comer, inclusive nos casamentos para os quais fomos convidados, mas realmente pagamos muito mais do que nos custa a comida.

Com esta mentalidade tão natural e humana, é muito irracional compreender que nossa dívida foi paga, uma dívida impossível de ser liquidada por nós mesmos, nosso saldo é insuficiente, mas a dívida foi paga por um alto preço, isto é, a dívida foi cancelada, o pagamento foi feito, não por méritos próprios, mas pela abundância de Sua graça e do dom da justiça. Devemos assinar o documento que nos declara como liberados do peso do pecado, lei e morte que existia contra nós, que nos era contrário e que agora foi cravado na cruz do Calvário; nossa assinatura é a fé depositada no Autor e consumidor da obra única e concluída que nos reconcilia com Deus por toda a eternidade: Jesus Cristo.

Tudo isso está registrado no Testamento do qual somos beneficiários pelo amor de Deus para conosco. Esse amor foi expresso em uma cruz ignominiosa, maldita, levantada no monte da caveira e com o Filho do Homem cravado nela, para que todo aquele que nele creia não se perca, mas tenha a vida eterna. Porque de tal maneira amou Deus ao mundo que deu seu Filho unigênito. A obra está feita e concluída. O Testamento contém a legalidade do ato e os benefícios dos herdeiros. Vejamos alguns dados deste Testamento.

²⁰ Porque **fostes comprados por preço**; glorificai, pois a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais são de Deus. (1 Coríntios, 6:20).

²³ Fostes **comprados por bom preço**; não vos façais servos dos homens. (1 Coríntios, 7:23)

¹⁵ E por isso é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, **os chamados recebam a promessa da herança eterna.** ¹⁶ Porque onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador. ¹⁷ Porque **um testamento tem força onde houve morte**; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive?... ²² E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. (Hebreus, 9:15-22)

¹⁷ Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais **os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça**, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. ¹⁸ Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. ¹⁹ Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um **muitos serão feitos justos.** ²⁰ Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, **superabundou a graça**; ²¹ Para que, assim como o pecado reinou na morte, também **a graça**

reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor. (Romanos, 5:17-21)

¹⁸ **E tudo isto provém de Deus**, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; ¹⁹ Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação. ²⁰ De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus. ²¹ **Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.** (2 Coríntios, 5:18-21)

¹³ E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoadando-vos todas as ofensas, ¹⁴ **Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.** ¹⁵ E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo. (Colossenses, 2:13-15)

¹¹ Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, ¹² Nem por sangue de bodes e bezeros, **mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.** ¹³ Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne, ¹⁴ Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, **purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?** (Hebreus, 9:11-14)

O preço foi pago. Diante disso, uma vez que fomos beneficiários da obra de Jesus, nossas vidas ficam ligadas a Ele para sempre. Um vínculo sobrenatural é estabelecido, uma união indissolúvel para viver e morrer. Somos comprados para Deus e Seu Reino, somos propriedade Dele. E esta nova realidade na vida do crente tem diversas manifestações práticas. Pode conter momentos de sofrimento e glória, de aflição e vitória, de escassez e plenitude, mas em tudo isso há um propósito eterno de nos formar, de sermos feitos à imagem de Seu Filho. Sua graça será suficiente em todo momento para ultrapassarmos os tempos de prova e de tentação, porque não nos veio nenhuma tentação que não seja humana, senão, como Deus seria fiel se nos permitisse sermos tentados além do que poderíamos resistir, então juntamente com a prova, Ele também dará o escape para podermos suportar.

²⁸ E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. ²⁹ Porque os que dantes conheceu também os predestinou **para serem conformes à imagem de seu Filho**, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. ³⁰ E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. (Romanos, 8:28-30)

A mistura entre o Novo e o Antigo Pacto

As Escrituras nos mostram que as misturas são contra a vontade de Deus, já na lei de Moisés é dito que o gado não deverá ser juntado com animais de outras espécies; o campo não deverá ser semeado com a mistura de sementes, não será permitido vestir-se com roupas feitas com a mistura de fios (Levítico 1:19). Também, em uma das cartas de Paulo, nos é dito que não devemos nos unir em jugo desigual com os incrédulos; “Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? ou que comunhão tem a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial? ou que parte tem o crente com o incrédulo? E que consenso tem o santuário de Deus com ídolos?” (2 Co. 6:14-16).

Não se trata de não manter relações pessoais com os incrédulos, ou fornicadores, ou avaros, ou ladrões ou idólatras deste mundo, porque se assim fosse, teríamos que sair do mundo. “Já por carta vos escrevi que não vos comunicásseis com os que se prostituem; com isso não me referia à comunicação em geral com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos comuniquéis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberão, ou roubador; com esse tal nem sequer comais.” (1 Coríntios 5:9-11). Mas se trata de intentar uma comunhão espiritual quando existe um espírito diferente, se crê em outro Jesus e se anuncia outro evangelho. Essas uniões ou misturas são espúrias e, por conseguinte daninhas.

Com frequência cometemos o erro de misturar elementos do regime velho da letra ao novo governo do Espírito. O apóstolo Paulo volta a nos mostrar a diferença em sua exposição de 2 Coríntios, 3 e 4. É relativamente fácil cair em tal erro e as pregações e canções de nossos cultos estão cheias dessas misturas que nos confundem e evitam o crescimento na graça e conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando cantamos “venha comigo à casa de Deus... estando aqui na casa de Deus...” estamos empregando termos baseados no velho regime da lei que dão uma ideia de que o lugar onde estamos realizando a adoração é a casa de Deus. No entanto o Novo Pacto diz que somos pedras vivas, casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo. (1 Pedro, 2:4, 5).

Quando impomos, como condição indispensável para sermos abençoados, o ato de fazer boas obras: de dar o dízimo, trazer outras pessoas aos cultos, assistir a todas as reuniões, levantar as mãos, pular e dançar, aplaudir e gritar escandalosamente, inclusive assoviar e chutar; quando todas estas formas de agir são sintomas de estar “em avivamento”, estaremos na verdade deformando a graça para entrar no evangelho de obras. Cristo nos redimiu da maldição da lei para que alcançássemos a bênção de Abraão, Sua obra é suficiente para recebermos a aprovação de Deus e não o fato de exteriorizarmos atitudes de religiosidade. Existem alguns pregadores que chegam a dizer que “os que não aplaudirem agora, não irão com o Senhor, mas ficarão para passarem pela

grande tribulação”, ou “quem não saltar e não levantar as mãos neste momento exato não receberá a bênção de Deus, e ficará seco”. Absurdos semelhantes somente conduzem ao simplismo e à superficialidade.

Não sou contra as manifestações de júbilo, alegria e liberdade quando for o momento certo, muito menos das boas obras que confirmam a fé, mas temo que, em muitos casos, estejamos misturando a lei religiosa com a graça, o velho regime da letra com o novo do Espírito, e isso somente pode conduzir à confusão.

Devemos nos situar em Cristo. O Messias já veio. O Espírito Santo foi dado aos crentes. Somos ministros de um novo Pacto. As obras da lei, qualquer lei (seja do judaísmo ou a do nosso sistema religioso denominacional), é de nos levar a Cristo, elas poderão servir como aio durante um tempo, mas devemos avançar ao amadurecimento e sermos guiados pelo Espírito de Deus e não depender de professores.

A lei, qualquer lei, diz: “Faça estas coisas e viverás por elas”. A ênfase é colocada em não faça, não toque, não coma, não goste, guarde dias de festa, lua nova ou dias de repouso, disciplina pessoal, trato duro do corpo, esforço próprio, força de vontade, cara de humilde, aparência de piedade, mandamentos de homens com uma lista comprida de proibições ou aprovações. Paulo disse que isso não tem qualquer valor contra os apetites da carne (Colossenses, 2:16-23). Em sua maior parte, geralmente são obras da carne para domesticar a natureza caída que levamos desde Adão. **“Mas, vindo Cristo**, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.” (Hebreus, 9:11-12).

E o autor de Hebreus continua dizendo: “Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne, **quanto mais o sangue de Cristo**, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, **purificará as vossas consciências das obras mortas**, para servirdes ao Deus vivo?” (Hebreus, 9:13-14).

A glória do Novo Pacto no sangue de Jesus é maior que a glória passageira que o velho regime da letra teve. A glória da vida no Espírito habitando em nós e guiando-nos a toda a verdade, é maior que todos os requisitos religiosos que moldam as formas de viver do homem, mas não podem mudar a natureza humana e, portanto, cedo ou tarde se chega à frustração.

Ele nos deu vida quando estávamos em nossos delitos e pecados. Fomos mortos com Cristo, portanto devemos buscar as coisas do alto, não as da terra. O evangelho é o poder de Deus para salvar e libertar o ser humano, judeus e gentios, religiosos ou agnósticos. O evangelho da graça é: “Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo... Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.” (2 Coríntios, 6:16) (Jeremias, 31:33, 34). “Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar.” (Hebreus, 8:7-13).

O Novo Pacto tem promessas melhores, contém os poderes do século vindouro, criou um novo homem para Deus, na justiça e santidade da verdade, é outra dimensão de glória. É a graça e a verdade que vieram por intermédio de Jesus Cristo. É o poder da ressurreição de Cristo que opera em nós, muito mais abundantemente do que pedimos ou entendemos, segundo o poder que atua em nós. O evangelho de Deus tem todas as riquezas inescrutáveis da plenitude que existe em Cristo. Por isso o apóstolo disse que nele estamos completos e se estamos completos em Cristo, não devemos regressar ao velho regime da letra, para mendigar o favor de Deus mediante nossas “boas obras”, mas basta a graça, porque o Seu poder se aperfeiçoa na fraqueza, assim que quando somos débeis, então somos fortes porque o poder de Deus opera em nós e não a capacidade de nossa realização pessoal e nossa projeção religiosa.

Medite sobre estes textos: Hebreus, 8:6 e 6:4-6; Efésios, 4:24; 2 Coríntios, 3:18; João 1:17; Efésios, 3:20; Filipenses, 3:10; Efésios, 1:7-18, 2:7 e 3:8, 19 e 4:13; Colossenses, 1:19 e 2:8-10; 2 Coríntios, 12:9-10 e 13:3-4.

O sangue do Novo Pacto fala melhor

Amados irmãos, se o velho regime da letra e o derramamento de sangue de animais podiam atuar temporariamente sobre a consciência do pecado, quanto mais creeis que o sangue derramado na cruz do Calvário pelo Filho de Deus poderá fazer?

O sangue de Jesus é o sangue do Novo Pacto. Quando levantou o cálice de vinho diante de seus discípulos Jesus disse: “Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós.” A vida está no sangue, portanto Jesus derramou sua vida em benefício de todos nós. Esse sangue fala de redenção, de perdão, de justiça aplicada; fala de separação, a separação de nossas vidas para Deus e Seu Messias. O sangue de Jesus nos comprou, portanto fala de propriedade, somos propriedade de Deus, filhos de Deus, para glória e honra de Seu Nome.

Nossas vidas foram aspergidas com o sangue de Jesus. Como aconteceu com os umbrais das portas dos hebreus no Egito, no dia de sua libertação, com sangue de cordeiro para que o anjo da morte não lhes tocasse, assim nossas vidas foram marcadas pelo sangue do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, para que não tenha mais poder sobre nós, a lei do pecado e da morte, mas que andemos em novidade de vida. O sangue nos fala de liberdade, a liberdade gloriosa dos filhos de Deus. A liberdade de não nos submetemos outra vez à escravidão de mandamentos de homens, para que a verdade do evangelho permaneça conosco. E é necessário nos livrarmos deste combate porque as forças hostis à graça estão sempre dispostas a roubar a fé que foi dada de uma vez aos santos. Paulo disse: “Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.”

O autor de Hebreus nos diz que “E a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e **ao sangue da aspersão, que fala melhor** do que o de Abel.” (Hebreus 12 : 24)

O sangue de Abel que foi derramado na terra pelo homicida Caim levantou uma voz que chegou ao céu. Deus chamou Caim e o fez responsável pelo sangue

que estava clamando da terra diante de Seu Trono. Essa voz moveu o céu, comoveu o coração de Deus e pôs uma marca de maldição sobre a vida de Caim.

O sangue de Jesus fala melhor, nos fala de bênção. Jesus é o justo que morre pelos injustos para levar-nos a Deus. O golpe homicida dos poderes das trevas sobre o corpo do Filho do Homem fez verter o sangue do Justo, para que todo aquele que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.

Um dos pilares sobre o qual se assenta o evangelho da graça de Deus é o sangue derramado na cruz do Calvário. Esse sangue do pacto eterno (Hebreus 13:20) nos aproximou de Deus (Efésios 2:13), e nos permite entrar até o trono da graça confiadamente, por um caminho novo e vivo que Ele nos abriu (Hebreus 10:19-22); sem mediadores humanos, sem ídolos, sem aios ou mestres, temos liberdade para entrar, porque o caminho está aberto, o único mediador válido é Jesus (1 Timóteo 2:5). Este ato consumado nos dá legalidade e confiança para irmos diante do Trono e derramar nossas vidas diante de Deus. Permite-nos interceder por nossa nação, nossa família, nossos semelhantes.

Sabendo que o sangue de Jesus nos redimiou de nossa vã maneira de viver que herdamos de nossos pais, com seus pecados, estruturas de vida e enfermidades. O sangue de Jesus rompe todo laço que nos ata a enfermidades e vícios hereditários. Quando vamos ao médico somos inquiridos sobre as enfermidades familiares, para estabelecer a linha genética e nos manter dentro dos mesmos parâmetros. Compreendo que isso é feito com a ideia de nos prevenir e ficarmos alertas sobre as enfermidades dos pais que possam afetar nossas vidas, no entanto, existe uma realidade maior que a situação natural, ou seja, que o sangue de Jesus estabeleceu outra dimensão mais elevada que nos redime da maldição de pecados e enfermidades herdados de nossos pais.

As Escrituras mostram que na Lei existe essa herança. “O Senhor é longânimo, e grande em misericórdia, que perdoa a iniquidade e a transgressão, que o culpado não tem por inocente, e visita a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração.” (Números 14:18); (Êxodo 20:5); (Deuteronômio 5:9, 10); (1 Reis 21:29). Porém no Novo Pacto, cada um, individualmente, responderá por si e receberá as conseqüências de seu próprio pecado. “Naqueles dias (o tempo do Novo Testamento) nunca mais dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela sua iniquidade; de todo o homem que comer as uvas verdes os dentes se embotarão.” (Jeremias 31:29, 30)

Esta passagem aparece em ralação ao tema do Novo Pacto. Continue lendo e encontrará no versículo 33 e 34 que... “Porei a minha lei no seu interior,... porque lhes perdorei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados”. Portanto, o primeiro passo para romper os laços de sangue é nos situarmos e identificarmos com o Novo Pacto em Cristo. Se vivermos somente uma religião que ensina a lei, qualquer que seja ela, para nos justificarmos, cairemos presos pelos laços de sangue. Precisamos saber, por revelação, o que significa a redenção de Cristo.

“¹⁸ Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes **resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais,** ¹⁹ Mas **com o precioso sangue de Cristo,** como de um cordeiro imaculado e incontaminado, ²⁰ O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos por amor de vós; ²¹ E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos, e lhe deu glória, **para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus;** (1 Pedro, 1:18-21).

Necessitamos da revelação do Espírito de Deus para compreender a dimensão gloriosa que tem o sangue do Novo Pacto. Fomos eleitos para obedecer e sermos aspergidos com o sangue de Jesus Cristo (1 Pedro 1:2).

A reconciliação de todas as coisas e o estabelecimento da paz é mediante o sangue de sua cruz (Colossenses 1:20). Não conhecermos bem ou como se efetuam esses atos, não significa que não estejam incluídos no potencial de vida que emana do sangue derramado e que tenha sido apresentado diante do trono de Deus, como garantia de nossa redenção (Colossenses 1:14). Esse sangue bendito e eterno nos dá a vitória sobre o dragão, a antiga serpente, o acusador e enganador que foi homicida desde o princípio.

⁹ E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. ¹⁰ E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. ¹¹ **E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro** e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte. ¹² Por isso alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.

Por isso, devemos sempre nos unir à adoração celestial onde se proclama a dignidade do Cordeiro que foi imolado, e com seu sangue nos redimiu para Deus, de toda linhagem e língua e povo e nação; e nos fez reis e sacerdotes para nosso Deus, portanto “ao que está senado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor e a honra e a glória e o domínio pelo século dos séculos” (Apocalipse 5:5-14).

O evangelho e as doutrinas dos últimos tempos

Quero fazer uma breve alusão a este assunto porque me parece relevante. Ciclicamente se torna moda dar ênfase demasiada em pregar sobre os últimos tempos. Abusam-se dos conceitos bíblico para gerar temor nos crentes e levá-los, desta maneira, à submissão, à consagração e ao arrependimento.

A pregação que tem o temor e a dúvida como base para induzir os ouvintes a se decidirem por Cristo, gera um evangelho baseado no medo e na insegurança que acompanharão o novo convertido durante seu desenvolvimento espiritual. Refiro-me a declarações como: “se o Senhor viesse hoje, você iria com ele? E usar a dúvida sobre se temos azeite ou não, quando o Senhor vier, com a

intenção de mover os crentes à consagração, que em muitos casos significa se tornar um fiel consumidor de cultos e manter o status religioso correspondente. Mete-se medo com a ideia de ficar com o anticristo para passar a grande tribulação, se não nos mantivermos próximos a igreja local como base da salvação. É uma pregação da dúvida e a incerteza que não tem nada a ver com o fundamento de nossa salvação realizada na cruz do Calvário.

Esta é servidão dos sistemas eclesiásticos, isto é, o que se lê nas entrelinhas é que se não participarmos do sistema religioso ao que pertencemos, perdemos nossa salvação e ficamos para passar pela grande tribulação.

Este enfoque doutrinal, dos últimos tempos, que se baseia na teologia dispensacionalista (teologia relativamente moderna que procede dos jesuítas e que se popularizou através de John Darby, do seminário Moody, dos livros de Hal Linsey e da Bíblia de Scofield) é uma entre muitas interpretações possíveis dos últimos tempos, pessoalmente creio que esta doutrina tem lacunas intransponíveis, bíblicamente falando. Agora, alguns pretendem que se não temos esta doutrina do tempo do fim, ou qualquer outra, não vamos ser salvo (porque não seremos arrebatados na vinda “invisível” de Jesus e deveremos ser salvos no tempo da grande tribulação de sete anos, onde o Espírito Santo não estará presente e somente poderemos ser salvos através do martírio, não permitindo que nos seja colocado a marca do anticristo que estará governando nesse tempo) é um enorme disparate tornar a salvação dependente de uma doutrina escatológica, o que é uma deformação da verdade que leva ao erro. Esse é outro evangelho.

Se nossa salvação depende de termos a doutrina correta sobre o tempo de fim (coisa impossível porque as Escrituras não dão apoio definitivo a nenhuma delas, e também não especifica, com clareza, como serão os tempos finais, ainda que nós tenhamos muitos indícios e provas desses tempos, mas não a ordem pontual de todos os acontecimentos de modo inequívoco; Deus não quis que ficassem claros, o que está claro é que devemos permanecer vigiando e orando, sempre preparados, fervorosos no Espírito e servindo ao Senhor), então estaremos inventando outro evangelho baseado em outra explicação e não na obra perfeita e concluída de nosso amado Senhor Jesus Cristo.

Portanto, o evangelho da graça de Deus não depende de que tenhamos a doutrina exata sobre escatologia, ainda que possamos ter nossas convicções, mas nunca definitivas, porque simplesmente as escrituras deixam abertas as diversas possibilidades que existem e não é uma doutrina fechada. A salvação depende de Jesus, de Sua obra na cruz do Calvário, de Seu sangue derramado, de Sua ressurreição dentre os mortos e Sua exaltação à destra do Pai para que nós possamos ser justificados e aceitos como filhos de Deus, trasladados das trevas para o Reino do Filho de seu amor.

O evangelho e a obra social

Este foi e continua sendo outro dos tropeços com os quais nos encontramos sempre na hora de anunciar as boas novas de salvação. Temos dois extremos, um que põe ênfase somente na pregação da mensagem e outro que acentua a importância de suprir as necessidades sociais das pessoas para quem se anuncia o Reino.

Creio que não deveria existir conflito, mas complementação. A fé e as obras seguem juntas, anunciar a mensagem e o compromisso social com os pobres são as duas faces da mesma moeda. Algumas pessoas são chamadas especialmente para fazer uma obra social, receberam dons de misericórdia que nem todos têm nessa dimensão, (um exemplo clássico do que quero dizer é a madre Teresa de Calcutá e sua obra na Índia; também existem muitos irmãos que trabalham ampla e eficazmente com dependentes de drogas, com a delinquência e com os desamparados do terceiro mundo, graças a Deus por eles e sua obra maravilhosa), e outros têm dons de evangelista, dons de poder para anunciar o evangelho com sinais e prodígios. Não existe conflito, existe complementação. Segundo a revelação que o apóstolo Paulo nos dá sobre o Corpo de Cristo, existe a diversidade de dons, ministérios e operações, mas quem faz todas as coisas é o mesmo Espírito, repartindo a cada um em particular como Ele quer.

Portanto, o evangelho contém a resposta para todas as áreas da vida humana: espiritual, física, social e emocional. O corpo de Cristo na terra possui diversas manifestações e dons, na forma de pessoas portadoras da mensagem em suas múltiplas facetas para serem luz e sal na terra. Graças a Deus por cada irmão entregue ao cumprimento da vontade de Deus em favor a toda criatura e de todas as nações.

O evangelho de Deus é um mistério eterno revelado

Depois de tudo que foi dito, gostaria de concluir este capítulo fazendo um roteiro, o mais condensado possível, sobre qual é o evangelho de Deus que devemos pregar, o evangelho que aparece nas escrituras e que foi revelado pelos apóstolos e profetas.

Em primeiro lugar devemos saber que o evangelho é um mistério revelado, esse mistério foi mantido oculto por longas eras, mas agora foi manifestado pelas escrituras dos profetas. Nessas escrituras, são descritos os sofrimentos do Messias e as glórias que se sucederiam para o benefício dos chamados do Senhor. Os profetas falaram de uma graça destinada, dirigida por Deus para que fosse alcançada por todos aqueles que ouvem a mensagem e a recebem, anunciada pelos apóstolos que pregaram o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu.

²⁵ Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, **conforme a revelação do mistério** que desde tempos eternos esteve oculto, ²⁶ Mas **que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas**, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé; ²⁷ Ao único Deus, sábio, seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém. (Romanos 16:25-27).

¹⁰ Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente **os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada**, ¹¹ Indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando **os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir**. ¹² Aos quais foi

revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que **agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu**, vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam bem atentar. (1 Pedro, 1:10-12)

Resumindo estas duas passagens vemos o seguinte: Que o evangelho é uma mensagem eterna, que estava preparado desde antes da fundação do mundo, portanto é um propósito projetado por Deus, um plano de redenção. Esse plano foi sendo revelado paulatinamente através dos profetas e teve seu clímax na Pessoa de Jesus Cristo. Que foi revelado, manifestado, através da pregação dos apóstolos pelo Espírito Santo e que reflete em seus escritos para todas as gerações seguintes.

Paulo é consciente deste mistério revelado e da necessidade de transmiti-lo corretamente, sem adulterações, quando pede a oração dos irmãos de Éfeso em favor de seu apostolado.

¹⁸ **Orando** em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos, ¹⁹ **E por mim**; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, **para fazer notório o mistério do evangelho**, ²⁰ Pelo qual sou embaixador em cadeias; para que possa falar dele livremente, como me convém falar. (Efésios, 6:18-20).

A revelação do evangelho se transmite através do Espírito Santo naqueles que obedecem à fé, não é possível compreender pela mente natural, é uma mensagem escondida desde a fundação do mundo e transmitida em muitas ocasiões através de parábolas para poder ser relacionada com a realidade cotidiana e poder ser melhor compreendida. Este foi um dos métodos mais usados pelo Mestre, que por sua vez mantinha distantes da revelação, aqueles cujo coração não era reto.

³⁴ Tudo isto **disse Jesus, por parábolas** à multidão, e nada lhes falava sem parábolas; ³⁵ Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta, que disse: Abrirei em parábolas a minha boca; **Publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo**. (Mateus 13:34-35).
Comparar com o Salmo 78:2.

A palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para os que se salvam é o poder de Deus. A mente natural não pode alcançar o mistério escondido desde as eras passadas, é preciso que seja discernido pelo Espírito.

¹¹ Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. ¹² Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. ¹³ As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. ¹⁴ Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (1 Coríntios, 2).

Em sua carta aos Colossenses, uma vez mais, o apóstolo Paulo deixa firme esta verdade, que a mensagem que estava anunciando foi dada por Deus para que fosse proclamada e dessa forma o mistério que esteve oculto por todos os séculos, e em todas as gerações, fosse agora revelado. Esse mistério se sintetizava em manifestar as riquezas da glória deste mistério entre os gentios; que é Cristo em vós, a esperança de glória.

²⁴ Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja; ²⁵ Da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, **para cumprir a palavra de Deus;** ²⁶ **O mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos;** ²⁷ **Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória;** ²⁸ A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; ²⁹ E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente. (Colossenses, 1:24- 29).

As diversas formas de denominá-lo

Em dois mil anos de cristianismo tem havido muitas mensagens adulteradas que levam a etiqueta de “evangelho de Jesus”. Muitos evangelhos têm sido pregados, no entanto, a Bíblia mostra que só existe um evangelho. (Gálatas 1:6-9), ainda que nas mesmas Escrituras ele é denominado de maneiras diferentes. Existem diversas expressões, mas um único evangelho. Ele é chamado:

O evangelho de Deus, em Romanos, 1:1;

O evangelho de Seu Filho, em Romanos, 1:9;

O evangelho da graça, em Atos, 20:24;

O evangelho de poder, em Romanos 1:16;

O evangelho da cruz, em 1 Coríntios, 1:18;

O evangelho da paz, em Atos, 10:36

E o evangelho das riquezas incompreensíveis de Cristo, em Efésios, 3:8.

O evangelho na epístola aos Romanos

Ao longo deste tema, temos visto que o apóstolo dos gentios nos deixou especialmente duas epístolas (Romanos e Gálatas) nas quais fala do evangelho que lhe foi encomendado, e particularmente, na carta aos Romanos, temos a exposição mais profunda e erudita das boas novas da salvação. Por isso vamos ver um resumo desta importantíssima carta aos Romanos.

Paulo foi **separado** para o evangelho que havia sido prometido **pelos profetas** nas Sagradas Escrituras (Romanos 1:1, 2). Uma vez mais, fica claro que o evangelho não é de Paulo, mas que já havia sido prometido por Deus, através dos profetas. Paulo foi chamado por Deus e separado para anunciar o evangelho. Sua origem é Deus. O apóstolo se fez um com o evangelho de tal forma, que o chamava de “meu evangelho” (Romanos 2:16), e compreendeu que

foi aprovado por Deus para que o evangelho lhe fosse confiado. (1 Tessalonicenses 2:4).

Paulo não se envergonha do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé. (Romanos 1:16-17). E a partir desse testemunho, ele expõe essa verdade já revelada com clareza pelos profetas, a saber, que a justiça de Deus é pela fé e não pelas obras da lei.

Para levar-nos o milagre da graça e da justiça pela fé, primeiramente ele inicia sua exposição com a **ira de Deus**, que se revela do céu, contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que detém a verdade em injustiça. (Romanos 1:18). Em seguida nos fala do **justo juízo de Deus** pela dureza e coração impenitente do homem caído não arrependido, entesourando para si mesmo a ira, para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus (Romanos 2:5). Ainda aborda o espinhoso tema da **lei** para nos dizer que, pelas obras da lei, nenhum ser humano será justificado diante dele; porque pela lei vem o conhecimento do pecado. (Romanos 3:20), porque **todos pecaram e destituídos** estão da glória de Deus (Romanos 3:23). Não existe forma de escapar da ira e do justo juízo de Deus, por nenhum meio humano.

“Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, **a justiça de Deus pela fé** em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem;” (Romanos 3:21-22) Esta justiça de Deus é aplicada ao que crê mediante a base **da redenção, propiciação e expiação** de Jesus Cristo. A chave está, portanto, na obra consumada de Jesus na cruz do Calvário. É por isso que o apóstolo Paulo, de forma resumida para captar a mensagem central, diz em 1 Coríntios 15, qual é o epicentro do Evangelho: “¹ Também vos notifico, irmãos, **o evangelho que já vos tenho anunciado**; o qual também **recebestes**, e no qual também **permaneçais**. ² Pelo qual também **sois salvos se o retiverdes** tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão. ³ Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que **Cristo morreu por nossos pecados**, segundo as Escrituras, ⁴ **E que foi sepultado, e que ressuscitou** ao terceiro dia, segundo as Escrituras. ⁵ E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze. ⁶ Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. ⁷ Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. ⁸ E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo.” (1 Coríntios, 15).

Assim, a vigência da obra de Jesus nos livra da ira vindoura, do justo juízo de Deus por nossos pecados e da culpabilidade da lei porque não pudemos cumpri-la. Estas são as boas novas do evangelho. A grandeza da graça de Deus manifestada, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. (Romanos 5:8). O apóstolo o expressa magistralmente com estas palavras:

²⁴ Sendo **justificados gratuitamente pela sua graça**, pela redenção que há em Cristo Jesus. ²⁵ Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; ²⁶ Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. (Romanos, 3).

Nos primeiros capítulos de Romanos aparecem vários termos que merecem ser explicados, ainda que brevemente. Eles são: Justificação, redenção, propiciação e expiação.

Justificação: Ser declarado justo.

Adequação com a justiça ou conformidade com o justo.

Redenção: Liberação da carga, ônus, obrigação ou sentença.

Libertos da escravidão do pecado.

Propiciação: Aplacar a ira de Deus mediante a obra de Jesus.

Satisfazer a justiça de Deus mediante um sacrifício.

Expiação: Apagar a culpa mediante um sacrifício.

Nos capítulos seguintes (4 e 5), Paulo atribui base escritural para apoiar a veracidade do evangelho que prega. Ele fala do exemplo de Abraão e da justiça que ele recebeu pela fé na promessa de Deus (Romanos 4:1-5). Depois no capítulo 6, fala da nova vida que surge como resultado da justificação, uma nova natureza que emana da união com Jesus na cruz, a sepultura e a ressurreição. Essa unidade produz uma novidade de vida, todos os nossos membros, que antes serviam à injustiça, agora são postos a serviço de uma vida em santidade. Não é um esforço de nossa própria vontade para sermos bons, mas o resultado da nova natureza operando em nós.

Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna. (Romanos, 6:22).

No capítulo 7 encontramos **a luta interior** que aparece no crente, o conflito entre o velho e o novo homem, o querer fazer o bem, mas possuir uma lei interior que se revela contra a nova realidade de sermos filhos de Deus. E no capítulo 8, aparece a vida vitoriosa andando em Espírito, “porque **a lei do Espírito de vida** em Cristo Jesus me livrou da lei do pecado e da morte”.

O anúncio do evangelho

Este é o evangelho que devemos anunciar, baseado nas Escrituras dos profetas e dos apóstolos, assim como centralizado na Pessoa e Obra de Jesus. Tudo isso responde a um plano predeterminado por Deus, porque a salvação pertence a nosso Deus (Apocalipse 7:10), e que foi manifestada no cumprimento dos tempos para redimir a todos os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça.

O apóstolo Paulo nos dá a sequência que segue o processo do anúncio do evangelho até sua aceitação, e nos diz que são formosos os pés dos que anunciam as boas novas. Em Romanos 10, encontramos essa sequência que podemos resumir em: o envio para pregar, a mensagem sendo ouvida e crida, a invocação do Nome de Jesus e a salvação ocorrendo.

¹⁴ Como, pois, **invocarão** aquele em quem não creram? e como **crerão** naquele de quem não **ouvirem**? e como ouvirão, se não há **quem pregue**? ¹⁵ E como pregarão, se não forem **enviados**? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam o evangelho de paz;

dos que trazem alegres novas de boas coisas. ¹⁶ Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: SENHOR, quem creu na nossa pregação? ¹⁷ De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus... ⁸ Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, ⁹ A saber: Se **com a tua boca confessares** ao Senhor Jesus, **e em teu coração creres** que Deus o ressuscitou dentre os mortos, **serás salvo**. ¹⁰ Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. (Romanos 10).

A origem do evangelho é Deus, é Ele quem envia com a palavra do céu para ser anunciada, crida e invocada. A palavra é o próprio Jesus, portanto trata-se de invocar o Nome de Jesus para ser salvo. O evangelho é uma pessoa, crer em uma pessoa e invocar seu Nome. Crer em Jesus não é um artifício mental, mas uma certeza interior, do coração, onde foi produzida a revelação pelo Espírito sobre quem é Ele e a obra que foi realizada, por isso com o coração se crê pra a justiça e com a boca se confessa para a salvação.

É uma obra de Deus, o tempo todo, ainda que existam colaboradores que anunciam a palavra enviada do céu, é a ação da palavra viva no coração da pessoa que a leva a reconhecer, além de sua mente natural, o fato de que Jesus foi morto por seus pecados e ressuscitado para a sua justificação.

Nos capítulos anteriores da epístola aos Romanos, vimos que o apóstolo dos gentios fez uma exposição ampla do evangelho que é o poder de Deus para a salvação. Esse evangelho desemboca em uma invocação, a invocação de um Nome, o Nome que é sobre todo nome, o Nome de Jesus. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos. (Atos 4:12).

Esta simplificação aparente contém o conselho de Deus. Jesus é a plenitude de Deus e a vida cristã é o descobrimento contínuo de todas as riquezas do pleno entendimento que existe em Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Descobrir a imensidão de Cristo, que agora habita pela fé em nossos corações, é se ocupar da salvação, é crescer na graça e no conhecimento de todo o bem que existe nele. Por isso a invocação do Nome de Jesus para sermos salvos é o início de uma nova vida que deve ser descoberta e vivida constantemente.

¹⁴ E ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo e ouças a voz da sua boca. ¹⁵ Porque hás de ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido. ¹⁶ E agora por que te deténs? **Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.** (Atos 22:14-16)

¹² Porquanto não há diferença entre judeu e grego; porque um mesmo é **o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.** ¹³ **Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.** (Romanos, 10:12, 13).

¹ Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus), e o irmão Sóstenes, ² À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, **com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.**
(1 Coríntios, 1:1, 2)

¹⁹ Todavia o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e **qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade.** ²⁰ Ora, numa grande casa não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra. ²¹ De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra. ²² Foge também das paixões da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz **com os que, com um coração puro, invocam o Senhor.** (2 Timóteo, 2:19-22).

Recordo muito bem como minha vida cristã foi ativada no dia em que invoquei o glorioso Nome de Jesus. Foi em um culto de oração, passei todo o tempo da reunião invocando o Seu Nome, dando-lhe graças. Já tinha lido as escrituras antes, já tinha orado a Deus de diversas formas, me relacionava com os irmãos, amava o Senhor, vivia certo misticismo pessoal, falava aos outros de Deus em sentido geral, mas no dia em que invoquei o Seu Nome, do fundo do meu coração, dando-lhe graças, notei em meu interior que algo novo tinha surgido, quis falar a todo o mundo sobre Jesus, esse Nome maravilhoso que havia me salvado.

Invocar o Nome de Jesus não é uma fórmula mágica, nós sempre usamos seu Nome em vão, de forma mecânica e em vã repetição, mas quando, em nosso coração, compreendemos a imensidão de sua graça resumida em Seu Nome, então “Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso; Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas” (1 Pedro, 1:8-9).

O reconhecimento de nossos pecados sempre vem depois de termos invocado o Seu Nome para a salvação; a consciência de nossa separação de Deus, da ira vindoura e do justo juízo de Deus se torna palpável quando ouvimos sobre o que Jesus fez na cruz e o porquê. Foi o que aconteceu com as três mil pessoas que se converteram na primeira pregação do apóstolo Pedro. Depois de relacionar o dia de Pentecostes com o que foi falado pelo profeta Joel, acabou a primeira parte de seu discurso citando as palavras do profeta: “E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Em seguida elas se arrependeram em seu coração e disseram: Que faremos? E Pedro lhes disse: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo;” (Atos 2 : 38)

Paulo disse a Timóteo para que se apartasse da iniquidade todo aquele que invocasse o Nome de Cristo. Ele mesmo o havia experimentado quando lhe disse: “E lava os teus pecados, invocando o Nome do Senhor”.

A fé em Jesus é eficaz no conhecimento de todo o bem que está em vós por Cristo Jesus Cristo (Filemom 6). A vida cristã vem a ser um descobrimento

progressivo da plenitude que existe em Cristo e da qual nos tornarmos partícipes. Quando cantamos “Queremos mais de Ti”, na verdade deveríamos cantar “Queremos descobrir o que já temos em Ti”. Esse descobrimento vem por revelação do Espírito, não é, em primeiro lugar, uma experiência externa com manifestações de qualquer tipo, mas sim um levantar vôo de nossa mente e espírito para termos um melhor conhecimento dele. Esta é a oração de Paulo pelos efésios (Efésios 1:15-20). Descobrir a imensidão de Cristo, a Sua plenitude, era a meta mais elevada do apóstolo Paulo.

⁷ Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. ⁸ E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, **pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus**, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo, ⁹ E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; ¹⁰ **Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições**, sendo feito conforme à sua morte; ¹¹ Para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dentre os mortos.

O que a salvação inclui

O autor da carta aos hebreus nos diz que a salvação que nosso sumo sacerdote obteve é uma salvação muito grande e completa (Hebreus, 2:3 e 7:25 na versão da Bíblia das Américas diz: “salvar completamente”). O anúncio do evangelho é a proclamação dessa salvação que contém o eterno propósito de Deus e de Sua vontade para toda criatura e para as nações. O evangelho é uma mensagem universal, para todos os povos, línguas e nações.

Quando Jesus levantou-se na sinagoga para ler o livro de Isaías e declarar a obra que o Espírito Santo lhe dava a realizar, disse que sua missão era dar as boas novas aos pobres, para curar os quebrantados de coração, a pregar a liberdade aos cativos, dar vista aos cegos, por em liberdade os oprimidos e pregar o ano aceitável (o ano do jubileu, o tempo da graça) do Senhor (Lucas 4:16-19). Tudo isto está incluído no evangelho de Jesus. Foi exatamente isso que Ele fez durante três anos e meio e encarregou aos seus para que continuassem a fazê-lo.

Jesus foi ungido para fazer o bem e curar a todos os oprimidos pelo diabo. Ele veio para desfazer suas obras. O diabo veio para roubar, matar e destruir, mas Jesus veio para que tenhamos vida e vida em abundância. Louvado seja Seu Nome.

³⁷ Esta palavra, vós bem sabeis, veio por toda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou; ³⁸ Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; **o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo**, porque Deus era com ele. (Atos, 10:37, 38).

⁸ Quem comete o pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. **Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo.** (1 João 3:8).

¹⁰ O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância. (João 10:10).

Além do que foi mencionado, a salvação inclui:

Paz com Deus. “Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz para com Deus”.

Cura. “E por cujas feridas fostes sarados”.

Liberção. Uma liberdade nova no corpo, alma e espírito. Livres de amargura, depressão, rancor, mau caráter, manias obsessivas, demônios.

Economia liberada. “Mas buscai primeiro o Reino de Deus e Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. Deus prometeu atender nossas necessidades materiais para que abundemos para toda boa obra; sem nos tornarmos escravos da avareza, e nem ficarmos ansiosos pela comida e bebida.

Mente sã. Desbloqueio de pensamentos perturbadores. Limpeza e higiene mental. Liberdade de pensar bem. Saúde mental.

O Espírito Santo. A plenitude e o batismo do Espírito que nos capacita a servir com poder. É a chave para uma vida cristã vitoriosa.

Ser guardado do mal. Uma vida protegida pelo sangue de Jesus Cristo que impede que sejamos agitados pelas circunstâncias e pela manipulação do diabo.

Tudo se resume nas palavras do apóstolo João quando disse: “¹¹ E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. ¹² Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. ¹³ Estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus, **para que saibais que tendes a vida eterna**, e para que creiais no nome do Filho de Deus. (1 João 5:11-13).

Trata-se da mesma mensagem que Paulo nos deixou na carta aos efésios “¹ **E vos vivificou**, estando vós mortos em ofensas e pecados,... ⁴ Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, ⁵ **Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo...** ⁸ Porque **pela graça sois salvos**, por meio da fé; e isto não vem de vós, **é dom de Deus.** ⁹ Não vem das obras, para que ninguém se glorie;” (Efésios, 2:1-10).

O evangelho é vida, “Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.” (Apocalipse 7:10). É uma nova criação e essa vida é transmitida através da Pessoa de Jesus, porque “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.” (João 1:4). A glória de Deus, a origem de todas as coisas é Deus, portanto a Ele seja a glória pelo século dos séculos. Amém.

Resumindo

O evangelho da graça de Deus foi perseguido ao longo da história, foi falsificado, adulterado, deformado e misturado com todo o tipo de pensamentos religiosos que foram levantados como argumentos altivos contra o conhecimento de Deus. Já no primeiro século, na época dos apóstolos, homens ímpios se levantaram para adulterar a palavra de Deus e a mensagem foi corrompida, no entanto, o Espírito de Deus encontrou homens e mulheres dispostos a lutar a boa batalha da fé e combaterem unânimes pela fé do evangelho.

Também em nossos dias se levantaram muitos inimigos da verdade para obscurecê-la, mesclando-a com supostas novas revelações que contradizem a sã doutrina. É muito fácil mesclar o evangelho da graça de Deus com o evangelho de obras e perder assim a força que contém a verdade e que nos torna livres. O evangelho é o próprio Jesus. Toda pregação, que não tem o Filho de Deus como eixo central de sua mensagem, se afasta da vontade revelada de Deus. Deus falou no passado pelos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos pelo Filho (Hebreus 1:1-2)

Para Paulo, a mensagem foi “pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.” (1 Coríntios, 1:23, 24).

Assim nos exorta: “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho.” (Filipenses, 1:27). E para “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo.” (Judas, 3,4).

Neste sentido, o mais recente que temos é uma nova seita chamada “crescendo na graça” cujo líder se autoproclama como Jesus Cristo Homem; um absurdo que vem a confirmar o avanço do fim dos tempos, quando muitos viriam dizendo “eu sou o Cristo” (Mateus 24:5); são homens amantes de si mesmo, avaros, vangloriosos, soberbos, blasfemos... (2 Timóteo, 3:1, 2).

Os vasos de honra que Deus escolhe são chamados “Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim.” (Ato 26:18).

De minha parte quero deixá-los com as palavras que o apóstolo deu aos anciãos da igreja, antes de partir para Jerusalém. “Agora, pois, irmãos, **encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça**; a Ele que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados.” (Atos 20:32).

Vosso em Cristo,

Virgilio Zaballos

Fevereiro – 2007

vzaballos@hotmail.com

© Editado gratuitamente pela Fundação DCI, Inglaterra

www.dci.org.uk